

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0257-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.572221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra está organizada em dezoito capítulos que ressoam e repercutem nas áreas de Linguística, Letras e Artes. Traz discussões atuais em diversas temáticas, como o papel da mulher, do negro e do indígena e cultura. Tais abordagens foram tratadas com maestria pelos respectivos autores, que relacionaram as questões educacionais, sociais e individuais dos sujeitos sob o viés da própria linguagem artística.

Outras temáticas abordadas nesta obra nos convidam a refletir sobre situações da atualidade, como a pandemia e a invisibilidade do ser e os depoimentos de educadores acerca do fazer docente em tempos de pandemia sob o viés da análise de discurso. Ainda sobre o processo educacional, discute-se sobre neurociência cognitiva e comportamental e suas influências na educação, destacando os prováveis transtornos de aprendizagem.

Como manifestação artística, a literatura também se faz presente neste livro, percorrendo distintas realidades escritas por autoras e autores pertencentes a diversos períodos. Temos a contemporânea Adriana Vieira Lomar, a ancestralidade e resistência nas obras de Euclides Neto, os diálogos entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a linguagem estilística de Eva Furnari, entre as leituras e leitores de Machado de Assis e um estudo de caso entre Perón e Wilde. São produções que auxiliam o leitor a explorar os aspectos estilísticos da linguagem poética, das produções narrativas, bem como da dramaturgia.

Por fim, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos. Este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas, poetas, musicistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em ressoar e repercutir esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A POESIA ÁRABE FEMININA NO PERÍODO DA JAHILIYA: TRADUÇÃO COMENTADA DE VERSOS DE AL-KHANSA E AL- KHIRNIQ

Isabela Alves Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051>

### **CAPÍTULO 2..... 9**

O CHORO EM SÃO LUÍS: RETRATOS DO CHORO NA CAPITAL MARANHENSE DO FINAL DO SÉC. XIX

Raimundo João Matos Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052>

### **CAPÍTULO 3..... 16**

A ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA COMO JOGO: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA RECRIAÇÃO DE PERÓN EM WILDE

Felipe Vieira Valentim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053>

### **CAPÍTULO 4..... 27**

A PANDEMIA DA INVISIBILIDADE DO SER

Paula Valéria Gomes de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054>

### **CAPÍTULO 5..... 29**

TRAVESSIA: A BUSCA DO HOMEM HUMANO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Wcleverson Batista Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055>

### **CAPÍTULO 6..... 43**

A MANIPULAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “UM HOMEM CÉLEBRE”, DE MACHADO DE ASSIS

Francisco Rangel dos Santos Sá Lima

Cícero Nilton Moreira da Silva

Mirna Maria Félix de Lima Lessa

Getuliana Sousa Colares

Daniela Katêrine de Oliveira

Nayara Maranthya da Conceição Gurgel

Vivianne Caldas de Souza Dantas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056>

### **CAPÍTULO 7..... 54**

CONHECENDO A NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E COMPORTAMENTAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO, DESTACANDO OS PROVÁVEIS TRANSTORNOS DE

## APRENDIZAGEM

Ingrid Raposo Ramos

Marilei Arruda da Rocha Caballero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217057>

### **CAPÍTULO 8..... 61**

#### ÚRSULA: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA OBRA

Ana Cleia Silva Pereira

Josilene dos Santos Sousa

Solange Santana Guimarães Morais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217058>

### **CAPÍTULO 9..... 68**

#### MÍMESIS ZERO E O AFETO COMO GERADOR DE EFEITOS EM *ALDEIA DOS MORTOS*, DE ADRIANA VIEIRA LOMAR

Jerusa Silva Nina de Azevedo da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217059>

### **CAPÍTULO 10..... 80**

#### LEITURAS E LEITORES DE *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS

Valdiney Valente Lobato de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170510>

### **CAPÍTULO 11 ..... 96**

#### PROJETO CIRANDA DA LEITURA

Sílvia Letícia Oliveira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170511>

### **CAPÍTULO 12..... 106**

#### A LINGUAGEM ESTILÍSTICA DA OBRA LITERÁRIA DE EVA FURNARI

Micheli Cristiana Ribas Camargo

Cristina Yukie Miyaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170512>

### **CAPÍTULO 13..... 116**

#### DEPOIMENTOS DE EDUCADORES ACERCA DO FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA, UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Noelma Oliveira Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170513>

### **CAPÍTULO 14..... 131**

#### HENRIQUETA LISBOA & MÁRIO DE ANDRADE: UM DIÁLOGO SOBRE OS “TRÊS POEMAS DA TERRA”

Ilca Vieira de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170514>

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>149</b>
AS CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA Lincoln Felipe Freitas  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>158</b>
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE <i>A ENXADA E A MULHER QUE VENCEU O PRÓPRIO DESTINO</i> , DE EUCLIDES NETO Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>167</b>
O MITO DE ORIGEM DO <i>KENE</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E ARTE Heidi Soraia Berg  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>184</b>
SOBRE ONTO-EPISTEMICÍDIO & FOLCLORIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POVO NEGRO E INDÍGENA NUM LIVRO DE HISTÓRIA DO BRASIL Mário Martins Neves Junior  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518</a>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>209</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>210</b>

# CAPÍTULO 15

## AS CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 08/03/2022

**Lincoln Felipe Freitas**

Universidade Estadual de Ponta Grossa,  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da  
Linguagem, Bolsista de mestrado CAPES  
Ponta Grossa, Paraná  
<https://orcid.org/0000-0001-8995-9370>

**RESUMO:** Neste estudo objetivamos uma leitura de dois contos de Guimarães Rosa, quais sejam “As margens da alegria” e “Os cimos”, ambos parte da obra *Primeiras estórias* (1962). Amparados pelas noções de “desterritorialização” e “reterritorialização” (DELEUZE & GUATTARI, 1995; DELEUZE apud HAESBERT, 2009), buscamos compreender como o sujeito-criança urbano se desterritorializa e se reterritorializa diante do animal que se faz como signo de um meio rural/natural o qual é tomado, aos poucos, pela urbanização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desterritorialização; Guimarães Rosa; Infância; Primeiras estórias; Reterritorialização.

### THE CARTOGRAPHIES OF CHILDHOOD IN “AS MARGENS DA ALEGRIA” AND “OS CIMOS” BY JOÃO GUIMARÃES ROSA

**ABSTRACT:** In this study we aim to read two short stories by Guimarães Rosa, which are “As margens da alegria” and “Os cimos”, both part of the book *Primeiras estórias* (1962).

Supported by the notions of “deterritorialization” and “reterritorialization” (DELEUZE & GUATTARI, 1995; DELEUZE apud HAESBERT, 2009), we seek to understand how the urban child is deterritorialized and reterritorialized in the face of the animal that becomes a sign of a rural/natural environment which is taken, little by little, through urbanization.

**KEYWORDS:** Childhood; Deterritorialization; Guimarães Rosa; *Primeiras estórias*; Reterritorialization.

### 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Guimarães Rosa em sua coletânea de contos intitulada *Primeiras estórias*, publicado originalmente em 1962, parece exercitar e experimentar seus modelos poéticos que ecoarão mais tarde em toda sua produção. As personagens das estórias de Rosa se abrem diante de situações-limite e experimentam as dimensões do humano com o divino, com a felicidade, com a morte, com a loucura, com o milagre, com o desconhecido etc. Especificamente neste trabalho selecionamos duas das 21 estórias que compõem a obra: “As margens da alegria” e “Os cimos”, contos que formam quase que uma moldura da obra, pois são o conto primeiro e o último respectivamente, e tem como potencialidades de leitura a imagem e a relação da subjetividade da criança diante da representação de um meio urbano e de um meio natural/rural.

Nosso intuito neste breve estudo será, amparados pelas considerações sobre as noções de “desterritorialização” e “reterritorialização” (DELEUZE & GUATTARI, 1995; DELEUZE *apud* HAESBERT, 2009), compreender como o sujeito-criança se desterritorializa e se reterritorializa diante de um meio rural/natural diante do avanço da urbanização. Além disso, procuramos sustentar a hipótese de que a experiência da criança diante do animal se dá como forma de representação imagética da totalidade do meio natural em contraste com o urbano nos contos tratados. O nosso objetivo não é a tentativa de esgotar as considerações de Deleuze e Guattari sobre a desterritorialização, mas aproveitar desta imagem-conceito uma forma de compreensão da produção de Guimarães Rosa.

## 2 | UMA VIAGEM INVENTADA NO FELIZ

Para Maria José Palo e Maria Rosa Oliveira, a linguagem da criança é em geral “instintiva, pré-lógica, inclusiva, integral e instantânea” (PALO & OLIVEIRA, 1984, p. 7). Tais características são observáveis na produção contística roseana em que a criança toma o protagonismo. A experiência infantil parece permitir a abertura para os espaços imaginados e não imaginados, representa “algo que se pode somente fazer e jamais ter: nada mais, precisamente, do que o processo infinito do conhecimento” (AGAMBEN, 2005, p.32). Este processo infinito de conhecimento parece ser, em termos próprios do conto “As margens da alegria”, uma “viagem inventada no feliz” (ROSA, 2005, p. 49).

Os contos que tratamos aqui, “As margens da alegria” e “Os cimos” se apresentam em uma construção que se dá pela experiência do mesmo menino em um ambiente de reclusão que será, como resultado do processo infinito do conhecimento, um ambiente de descoberta. Como no conto “Famigerado”, também parte de *Primeiras estórias*, tudo acontece nestes contos, “[...] num relance, insolitíssimo” (ROSA, 2005, p. 55) O insólito em Rosa parece operar em uma matriz poética que se desprende das noções clássicas que temos sobre o fantástico na literatura. É dizer que em Guimarães Rosa, o “insolitíssimo” está na abertura da personagem à recepção de uma experiência que desestabiliza os espaços antes ocupados. É, em outras palavras, dizer que as personagens se apresentam como se sempre estivessem à espera de um milagre.

Neste contexto a criança é tomada em Rosa como representante de uma possibilidade de permissão à vida. À criança é permitido viver como se cada momento se fizesse como uma vida em particular, as coisas não se limitam a organizar-se de forma hierárquica, as medidas de importância parecem ser relativizadas. Aí está a chance da descoberta. Afirmamos isso com respaldo nas palavras do próprio autor sobre a sua visão da função da literatura, em diálogo com seu tradutor alemão, Günter Lorenz:

É exatamente isso que eu queria conseguir. Queria libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original. Legítima literatura deve ser vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que

a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo “compromisso do coração”. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve (ROSA *apud* LORENZ, 2009, p.52).

Aqui, a vida em sua forma original tem grande relação com as experiências da infância, a vida vivida de forma única e primeira. A sensibilidade presente na infância encara a experiência de forma constante como descoberta de si e do mundo. Quando esta experiência do descobrir se desnaturaliza e a rotina da vida urge de forma a apagar a permissão à vida nos pequenos momentos, já estamos na fase adulta. Para a criança, conforme bem apontado por Walter Benjamin em *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*:

[...] porém, não bastam duas vezes, mas sim sempre de novo, centenas e milhares de vezes. Não se trata apenas de um caminho para assenhorear-se de terríveis experiências primordiais mediante o embotamento, conjuro malicioso ou paródia, mas também de saborear, sempre de novo e de maneira mais intensa, os triunfos e as vitórias (BENJAMIN, 2002, p.101).

A experiência da criança diante de uma mãe que adoece é algo muito representativo sobre o contraponto criança-adulto. No conto “Os cimos”, Guimarães Rosa nos apresenta o menino que é levado a um lugar-outro como forma de isolá-lo da doença de sua mãe. Quando o menino se questiona sobre a condição de sua mãe e não consegue dormir, surge, na manhã seguinte um processo de “clareza de juízo”. Diante de seus pensamentos, o menino, no “não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda-acordado” (ROSA, 2005, p. 203) se encontra diante de pensamentos e lembranças. O narrador pontua dizendo:

Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos; feito ele estivesse podendo copiar no espírito ideias de gente muito grande. Tanto, que, por aí, desapareciam, esfiapadas. (ROSA, “Os cimos”, 2005, p. 203).

Nesta relação de experiência vivida pelos olhos da infância em contraste com a experiência adulta, não podemos deixar de fazer referência ao conto “A menina de lá”, parte também da obra *Primeiras estórias*. No conto, a menina, cujo nome é Maria mas, “Nhininha dita, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes.” (ROSA, 2005, p. 65) O narrador afirma que a menina não parecia olhar ou enxergar de propósito, mas que tudo observava “[...] sentadinha onde se achasse, pouco se mexia.” (ROSA, 2005, p. 65) A linguagem da menina não é compreendida em sua totalidade pela família, é uma linguagem que se faz em poesia da descoberta. Tudo é poetizado por Nhininha que contava estórias insólitas, e essa forma de conceber o mundo pelos grandes olhos da menina é o que o narrador chama de “Só a pura vida” (ROSA, 2005, p. 65).

A morte da menina que opera milagres é como consumação de uma vida eternizada, já que a criança é enterrada em um caixãozinho cor-de-rosa porque assim devia ser. A criança antes desejava ver o arco-íris e, em causando a chuva, apareceu o arco com destaque às cores verde e rosa. Nhininha pedira à tia, depois disso, que seu caixão

fosse das mesmas cores. A fala da menina é tomada como mal agouro, afirma a tia: “A agouraria! Agora, era para se encomendar o caixãozinho assim, sua vontade?” (ROSA, “A menina de lá”, 2005, p. 69) A morte da criança é prevista por ela mesma, mas há nisso uma sensação de descoberta da natureza enquanto imagem da vida e do desejo de viver em forma de imagem. Refletimos sobre tal conto como um exemplo da criança como mote para a narração da experiência em suas formas mais puras em Guimarães Rosa, quase em uma busca do natural e primordial das coisas, uma viagem inventada no feliz.

### 3 | O INVERSO AFASTAMENTO

No caso dos contos “As margens da alegria” e “Os cimos”, o menino se encontra em situações-limite muito semelhantes. O paralelo no início dos contos é claro: “Esta é a estória. Ia um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. [...]” (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 49) e “Outra era a vez. De sorte que de novo o Menino viajava para o lugar onde as muitas mil pessoas faziam a grande cidade. [...]” (ROSA, “Os cimos”, 2005, p. 201) A construção da cidade é cenário comum em ambos os contos e há no deslocamento da viagem de avião a descoberta do mundo pelos olhos do menino.

A viagem é símbolo dessa transição em espaços de contraste da subjetividade do menino. Além disso, o encontro com o espaço natural-rural, a descoberta dos animais que compõem este cenário, atuam como forma de deslocar o menino de seu espaço antes ocupado, desestabilizando a sua percepção emocional da viagem. A viagem é “[...] Assim um crescer e desconter-se - certo como o ato de respirar - o de fugir para o espaço em branco. O Menino.” (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 49).

Podemos então sustentar aí nossa hipótese de que esta transição entre espaços contrastantes se dá como efeito de desterritorialização e reterritorialização do sujeito-criança. Em termos deleuze-guattarianos, as relações da subjetividade humana se dão de forma rizomática, e o rizoma é uma organização não hierarquizante que age por contágio, em um movimento transversal, um “[...] **riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens** e adquire velocidade no **meio.**” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 37, grifos nossos) Esta imagem-conceito do riacho que corre transversalmente e que seu todo não é completamente apreensível é profícua na experimentação da produção de Guimarães Rosa em que o processo infinito de conhecimento está sempre no meio, se tomamos “A terceira margem do rio”, por exemplo.

Cabe dizer que no rizoma não existem pontos ou posições como na raiz ou na árvore, existe somente linhas. Assim, a outra característica que destacamos é o princípio de *ruptura a-significante*, ou seja, um rizoma pode ser rompido, quebrado em qualquer lugar, pois suas linhas serão retomadas e reconstituídas a partir de outras linhas, um corte não é significativo, como no exemplo dos autores: “É impossível exterminar as formigas,

porque elas formam um rizoma animal do qual a maior parte pode ser destruída sem que ele deixe de se reconstruir.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 17).

As viagens do Menino nos contos tratados, levando em conta a noção da ruptura a-significante de um rizoma, funciona de forma a um não esgotamento das possibilidades de descoberta. A urbanização frente ao espaço natural encontrado pelo menino não é forte o suficiente para destituí-la de sua capacidade de contágio. A quebra do rizoma-natureza causada pela urbanização dá abertura para uma reconstituição por meio dos signos do natural: os animais. Os animais funcionam como linhas de fuga da subjetividade do menino urbano. É dizer que é impossível exterminar totalmente o animal de um meio ao qual ele é de todo representante e há aí a comunhão do sujeito que busca cartografar (desterritorializando-se para logo após reterritorializar-se) espaços do desconhecido. É como o riacho, sem início nem fim, mas com velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37) E o meio aqui, em termo próprio da palavra, seria o meio natural que resiste ao urbano.

Ainda sobre o conceito de desterritorialização, em entrevista para Rogério Haesbaert, Deleuze afirma:

[...] construímos um conceito de que gosto muito, o da desterritorialização. [...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte (DELEUZE *apud* HAESBAERT, 2009, p.99).

A primeira viagem do menino em “As margens da alegria” reflete este deslocamento que é o processo de desterritorialização. Há o esforço de reterritorialização do menino, ainda em movimento no avião, em pontuar o espaço explorado, cartografar o desconhecido. No conto, o narrador afirma que “Seu lugar era o da janelinha, para o móvel mundo.” e “[...] até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. [...]” (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 49). No conto “Os cimos”, a narrativa da viagem é igualmente encantadora, como se o menino nunca antes experienciara algo semelhante. Há a afirmação de que “O avião não cessava de atravessar a claridade enorme, ele voava o vôo – que parecia estar parado.” (ROSA, “Os cimos”, 2005, p. 202). Mais adiante em “As margens da alegria” lemos o que segue:

[...] o chão plano em visão cartográfica, repartindo de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois - assim insetos? Voavam supremamente. O Menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. [...] (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 50).

A casa em que o menino se hospeda ao chegar a seu destino é construída como uma casa “[...] de madeira, sobre estações, quase penetrando a mata. [...]” (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 50). O espaço aqui é um espaço de margem, a casa está no

entremeio da cidade que avança e o ambiente de mata. Cartografar esse espaço é para o menino um exercício de descobrir o quão mágicas são as possibilidades de se viver ali. “O ar daquele lugar era friinho, mais fino.” (ROSA, “Os cimós”, 2005, p. 203). Há toda uma construção da atmosfera do lugar em ambos os contos, uma forma de estabelecer as diferenças entre o espaço natural-rural e o espaço que se urbaniza.

De igual maneira será a relação do menino com o animal. As aves compõem do mesmo modo o espaço em que o menino se encontra em ambos os contos. São quase como representações da pureza do animal e de sua adaptação com o meio natural. A diferença que mais chama atenção é que enquanto o peru em “As margens da alegria” sofre pela domesticação, o tucano de “Os cimós” tem a liberdade da natureza como se dela fosse constituinte estrito. Sobre o peru, lemos:

[...] - o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O Menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para passeio. (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 51).

O menino segue com o pensamento fixo no peru que vira. Este momento no conto de Rosa atua de forma epifânica. O narrador afirma que o menino “Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirinho das árvores bravas.” (ROSA, “As margens da alegria”, p. 51) O peru encontra-se para o menino como que guardado em um espaço sagrado, o terreirinho das árvores bravas. É um espaço de contemplação, onde o menino terá ali o contato com o ‘transbordamento’ que a visão do animal lhe proporciona. A imagem do transbordamento é interessante pois simbolizaria algo que, em nossa hipótese de análise, seriam os processos de desterritorialização e reterritorialização que o sujeito-criança tem diante do espaço rural/natural.

Outro questionamento que o menino tem sobre o peru é de sua possível localização nos espaços daquele ambiente rural. No conto lemos: “Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa?” (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 51) O fato de ser possível haver um peru para cada casa e cada pessoa nos traz a noção da domesticação do animal, algo próprio e intimamente ligado com o meio rural. O narrador do conto de Rosa deixa claro este contraste dos meios em que o menino se insere, meios que assumem o perfil rizomático que abordamos anteriormente. Isto é dizer que o peru seria o meio do riacho que rói as duas margens, a velocidade do meio (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 37): “[...] Da sala, não se escutava o galhardo ralhar dele, seu grugulejo? Esta grande cidade ia ser a mais levantada do mundo. Ele abria leque, impante, explodindo, se enfunava... [...]” (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 51) O peru se faz altivo em no meio que é tomado pela “grande cidade”, “a mais levantada do

mundo”.

Diante disso, a consequência da domesticação do animal é a morte do peru para alimentação, algo também muito próprio do ambiente rural. No conto, justifica-se o ocorrido nas seguintes palavras:

[...] “Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?” Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo. Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru - aquele. O peru - seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o Menino recebia em si um miligrama de morte. Já o buscavam; - “...” (ROSA, “As margens da alegria”, 2005, p. 52).

O menino diante do peru desterritorializa-se de sua condição humana, tornando-se parte do ser-animal em estado natural. A tristeza que toma o menino se iguala à sua euforia inicial, como se dele fosse arrancado o peru como a experiência da vida em plenitude, o miligrama de morte. A reterritorialização do menino diante do animal será com o encontro do vagalume, e por fim, do outro peru ao fim do conto “As margens da alegria”. O tucano em “Os cimos” surge de forma tão esplendorosa quanto o peru em “As margens da alegria”, mas há o compartilhamento da descoberta do menino com o seu tio:

A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro – depois de seu vôo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. [...] Toda a luz era dele, [...] E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. (ROSA, “Os cimos”, 2005, p. 204).

Há nesta contemplação um desprendimento do menino de suas lembranças sobre a mãe e sua doença. Ao observar o tucano, o menino experimenta um êxtase que o desloca dos maus sentimentos e o lança em comoção. “O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.” (ROSA, “Os cimos”, 2005, p. 204). Mais adiante no conto, quando há a ideia do Tio de prender o tucano para que o Menino o contemplasse mesmo indo embora dali, já que a mãe estava boa, o narrador afirma que “O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o vôo exato.” (ROSA, “Os cimos”, 2005, p. 207).

O animal para Guimarães Rosa parece ter uma função de revelação do homem em um estado de contemplação e coexistência. O autor afirma: “[...] mas não se esqueça de meus cavalos e de minhas vacas. As vacas e os cavalos são seres maravilhosos” (ROSA *apud* LORENZ, 2009, p.36) Tal noção de aproximação ao animal e ao natural se assemelha em muito aos processos de desterritorialização e reterritorialização propostos por Deleuze e Guattari. A organização múltipla do rizoma e os processos de (des- e re-)territorialização

lançam o sujeito a formas, por vezes, híbridas do ser. Por exemplo, no rizoma e bloco de devires que representa a fertilização das plantas e a alimentação das vespas, Deleuze e Guattari afirmam que a “[...] orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 18).

Por fim, é interessante comentar um trecho que poderia representar as potencialidades da poética de Rosa sobre a experiência da criança que se desterritorializa e se reterritorializa em um dos contos tratados. Quando o menino volta para casa, já no avião, no fim do conto “Os cimos”, após dar-se conta de que havia perdido o macaquinho, um brinquedo que levava consigo, o menino sente que seu companheiro não estava perdido, mas sim só passeava por aquele mundo que o menino deixara para trás, “aonde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam. O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.” (ROSA, “Os cimos”, 2005, p. 208).

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, trazemos a justificativa do título desta segunda parte do artigo. A ideia de um “inverso afastamento”, além de ser um dos títulos das partes do conto “Os cimos”, nos traz a concepção de uma nova forma de aproximação. A volta do menino ao mesmo lugar que estivera em “As margens da alegria” é, em “Os cimos”, uma viagem de volta a um lugar conhecido, mas não por isso menos surpreendente. O constante processo de conhecimento do menino, faz com ele se reterritorialize diante da experiência rural-urbana. A questão da construção da cidade, que muitos estudiosos afirmam ser a construção da cidade de Brasília entre 1956 e 1960, embora pareça ficar em segundo plano nos contos, representa uma clara ameaça de profanação daquele meio que está à margem da floresta. A cidade se constitui como espaço que possibilita ao menino transitar entre territórios de sua própria subjetividade de uma criança em crise.

Entendemos que a produção dos filósofos rebeldes Gilles Deleuze e Félix Guattari nos permite uma leitura inesgotável da subjetividade humana em tempos de crise. Não somente na produção literária à qual nosso *corpus* faz parte, percebemos que os conceitos-imagens que aqui buscamos articular não põem ponto final nas leituras das ciências humanas, nas relações interpessoais, nas relações éticas e estéticas do humano diante daquilo que por vezes nos parece incompreensível. Cabe dizer, por fim, que a todo momento estamos em processos de desterritorialização e reterritorialização, e a compreensão disso nos possibilita a abertura para, assim como uma criança, ao processo infinito do conhecimento (AGAMBEN, 2005, p. 32).

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

LORENZ, Günter W. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa em dois volumes**. Organização e prefácio Eduardo Coutinho. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa. **Voz de Criança**. São Paulo: Ática, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acontecimento enunciativo 116, 117, 120, 122, 129

Afetos 31, 57, 158, 159, 162, 163

Agricultura familiar 158, 166

Al-Khansa 1, 2, 5, 7

Al-Khirniq 1, 5, 6, 7

Alteridade 121, 167, 176, 181, 182

Ancestralidade 158, 159, 163, 166, 187, 195

Atividades remotas 116, 117

### C

Canto 161, 167, 175, 177, 178, 179, 180

Choro 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 57

Cognição 54, 57, 58, 59

Competência lexical do falante 106

### D

Desterritorialização 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157

Discurso docente 116

### G

Guimarães Rosa 29, 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 75, 76, 149, 150, 151, 152, 155, 157

### H

Henriqueta Lisboa 131, 132, 133, 137, 140, 141, 144, 145, 147

História 2, 7, 9, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 36, 40, 42, 56, 57, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 90, 100, 106, 114, 115, 118, 120, 122, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 143, 144, 148, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 178, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208

### I

Identidade 30, 50, 67, 73, 109, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 176, 181, 182, 185, 198, 208

Imagem-símbolo 167, 179, 180

Indústria cultural 43, 44, 46, 47, 49, 50, 53

Infância 31, 63, 149, 151, 157, 201

Interação 22, 58, 77, 96, 98, 99, 177

Invisibilidade do ser 27

## **J**

Jahiliya 1, 2, 3, 4, 7

Jornais 9, 10, 11, 80, 81, 82, 87, 88, 92, 93, 94, 95

Jovens mediadores 96, 99, 100

## **K**

Kene 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182

## **L**

Leitura literária 96, 97, 101, 114

Literatura contemporânea 29

Literatura infantil 106

## **M**

Machado de Assis 12, 13, 14, 43, 44, 46, 51, 52, 53, 80, 83, 85, 86, 89, 91, 95

Maranhão 9, 10, 14, 15, 62, 67

Maria Firmina dos Reis 61, 62, 64, 66, 67

Mário de Andrade 131, 132, 133, 135, 139, 140, 141, 143, 147, 148

Mímesis 68, 69, 74, 75, 76, 78

Morfologia lexical 106, 108, 115

Música popular 9, 10, 12, 15, 45, 46

## **N**

Neologismos 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114

Neurociência 54, 55, 56, 59, 60

## **O**

Onto-epistemicídio 184

## **P**

Pandemia 27, 100, 102, 116, 117, 123, 124, 126, 127, 129

Poesia árabe 1, 7

Povo indígena 184

Povo negro 184, 185, 191, 194, 195, 198, 199, 206

Primeiras estórias 149, 150, 151, 157

## U

Um marido ideal 16, 18

Úrsula 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022